



**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DE MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS**

ALCIONE REMÍGIO BATISTA

**INTERICONICIDADE E INTERDISCURSIVIDADE NAS CHARGES:
UM OLHAR SOBRE OS DISCURSOS IMPLÍCITOS**

**MONTEIRO – PB
2016**

ALCIONE REMÍGIO BATISTA

**INTERICONICIDADE E INTERDISCURSIVIDADE NAS CHARGES: UM OLHAR
SOBRE OS DISCURSOS IMPLÍCITOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de licenciada.

Orientadora: Prof. Ms. Luciana Fernandes Nery

**MONTEIRO – PB
2016**

B333i Batista, Alcione Remígio
Intericonicidade e interdiscursividade nas charges
[manuscrito] : um olhar sobre os discursos implícitos / Alcione
Remígio Batista. - 2016.
46 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e
Exatas, 2016.

"Orientação: Profa. Ma. Luciana Fernandes Nery,
Departamento de Letras".

1. Charges. 2. Discursos. 3. Intericonicidade. 4.
Interdiscursividade. I. Título.

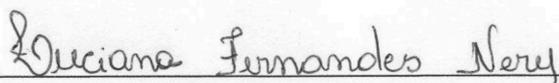
21. ed. CDD 401.41

ALCIONE REMÍGIO BATISTA

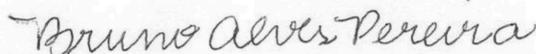
**INTERICONICIDADE E INTERDISCURSIVIDADE NAS CHARGES: UM OLHAR
SOBRE OS DISCURSOS IMPLÍCITOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em
Letras (Língua Portuguesa) da Universidade Estadual da
Paraíba como requisito para obtenção do título de
licenciada.

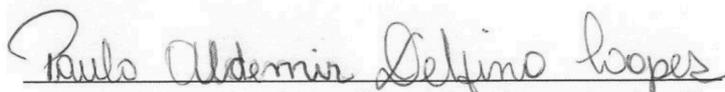
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Luciana Fernandes Nery (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Ms. Bruno Alves Pereira (Examinador 1)
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Ms. Paulo Aldemir Delfino (Examinador 2)
Universidade Estadual da Paraíba

Aprovada em: 18 de Fevereiro de 2016

**MONTEIRO – PB
2016**

Dedico este trabalho a toda a minha família, meus amigos e a todos os mestres da minha graduação, que me cobriram de incentivo e apoio, vendo as minhas lutas, quebrando obstáculos e chegando à tão sonhada vitória com a sensação de missão cumprida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu amigo de todas as horas, pela infinita bondade e sabedoria de ter plantado em mim o desejo de percorrer esse caminho com muita força, fé, dedicação e paciência. Obrigado meu bom Deus, pela força que o Senhor me deu em todos os momentos, pelo seu olhar por mim.

Aos meus familiares, que, mesmo longe em alguns momentos, me apoiaram sempre me dando força e de braços abertos me consolidaram uma inspiração contínua, para que nunca desistisse dos meus ideais e do sonho de conseguir chegar onde cheguei. Em especial, aos meus pais, Iones e Heleno, e ao meu noivo, pelo carinho, pelos conselhos, pelos abraços de força nos momentos de dificuldades, pelas mãos que sempre me ergueram, para que eu não caísse.

A todos os meus mestres do Curso de Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa) da UEPB, pois foram minhas maiores inspirações, para que eu continuasse seguindo em frente dando um passo adiante na minha vida. Em especial, a minha querida orientadora Luciana Nery, pessoa de um grande coração, que pude contar com a paciência e o carinho para conseguir alcançar a minha vitória. Agradeço por sua consideração, sua amizade, seu coração grandioso e cheio de bondade. E como sempre lhe disse “não vou deixar de te aperrear nem tão cedo”.

Ainda agradeço a todos os meus colegas de graduação, que em meio a tantas alegrias e tristezas estiveram sempre juntos. Amigos que mesmo com algumas indiferenças farão sempre parte de um pedacinho de mim e sempre estarão guardados no meu coração.

Enfim, agradeço a todos pela amizade que foi criada entre nós, pela contribuição de cada um no meu sonho realizado, conservando em mim a sabedoria, humildade e força de vontade.

Há um grande silêncio dentro de mim. E esse silêncio tem sido a fonte de minhas palavras. E do silêncio tem vindo o que é mais precioso que tudo: o próprio silêncio. [...] O indizível só me poderá ser dado através do fracasso da minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu.

(Clarice Lispector)

LISTA DE CHARGES

Charge 01-----	28
Charge 02-----	30
Charge 03-----	32
Charge 04-----	35
Charge 05-----	37
Charge 06-----	39
Charge 07-----	40

RESUMO

A charge é um gênero discursivo que circula diariamente nos meios midiáticos permitindo que os sujeitos construam uma visão do ambiente e das instâncias sociais que os rodeiam e os representam. Por se tratar de um texto atraente ao leitor, a relação verbal/visual empregada nas charges revela-se num material de grande contribuição para a construção de sentidos. Diante disso, temos as seguintes questões de pesquisa: a) Como as imagens das charges influenciam na construção de sentidos dos discursos implícitos? e b) Como as relações entre imagens (e discursos verbais) podem contribuir na construção de um olhar crítico dos discursos silenciados nas charges? A partir desses questionamentos, temos como objetivo geral investigar como a relação entre as imagens se manifestam nos discursos implícitos para a construção de sentidos das charges. Como objetivos específicos, pretendemos: a) Verificar os discursos implícitos do texto imagético presentes nas charges políticas; b) Analisar como as imagens presentes nas charges reportam a imagens já existentes; c) Observar o papel das imagens propagadas nas charges políticas para a produção de sentidos. Para a realização deste trabalho, tomamos como base o estudo referente à Análise do Discurso de linha francesa, sobretudo nas ideias de Pêcheux (2007) e Orlandi (2007 e 2008). Ainda buscamos respaldo teórico em Joly (1996) e Courtine (2006) na perspectiva dos estudos relacionados ao verbal e não-verbal para compreender questões relativas à intericonicidade e a interdiscursividade. O corpus dessa pesquisa consta de charges coletadas em sites da internet no período de setembro de 2014 a março de 2015. Desse modo, nossa pesquisa é de cunho documental, visto que selecionamos um material gráfico como objeto de estudo. Esta pesquisa caracteriza-se também como sendo qualitativa, pois se propõe a análise e interpretação dos dados coletados. Diante das análises realizadas, percebemos que as charges se constituem como um gênero que pode ser estudado e explorado de modos diferentes, pois além de tratar de um texto humorístico agrada aos leitores com suas diversas contribuições sejam de alerta, riso ou ironias, subsidiando ainda outros entrecruzamentos de discursos para a sua compreensão. Notamos também que as charges, comumente, apresentam uma relação com discursos e imagens já existentes, que fazem com que os sujeitos acionem sua memória discursiva para a sua compreensão, visto que a produção de sentidos nesse gênero é construída a partir do não-dito, no que ficou por dizer. Esperamos através desta pesquisa contribuir para que os leitores possam perceber o que está perpassado nos discursos implícitos, contribuindo assim para a construção de um olhar mais crítico perante tais discursos que circulam socialmente.

Palavras-chave: Charges. Discursos. Intericonicidade. Interdiscursividade.

RESUMEN

La caricatura es un género discursivo que circula diariamente en los medios mediáticos permitiendo que los sujetos construyan una visión del ambiente y de las instancias sociales que los rodean y los representan. Por tratarse de un texto atrayente al lector, la relación verbal/visual empleada en las caricaturas se convierten un material de grande contribución para la construcción de sentidos. Delante de eso, tenemos las siguientes cuestiones de pesquisa: a) ¿Cómo los imágenes de las caricaturas influyen en la construcción de sentidos en el discurso implícito? y b) ¿Cómo las relaciones entre imagen (y discurso verbal) pueden contribuir en la construcción de una mirada crítica de los discursos silenciados en la caricatura? A partir de esos cuestionamientos, tenemos como objetivo general investigar como la relación entre los imágenes se manifiestan en los discursos implícitos para la construcción de sentidos de las caricaturas. Como objetivos específicos, pretendemos: a) Verificar los discursos implícitos através del texto imagético presentes en las caricaturas políticas; b) Analizar si los imágenes presentes en las caricaturas reportan a imágenes ya existentes y c) Observar o papel de las imágenes producidos en las caricaturas políticas para la producción de sentidos con ausencia de los discurso verbal. Para la realización de este trabajo tomados por base los estudios referentes al Análisis del discurso de línea francesa, especialmente en las ideas de Pêcheux (2007) e Orlandi (2007 y 2008). Todavía buscamos respaldo teórico en la perspectiva de los estudios relacionados al verbal y no verbal para comprender cuestiones relativas a la intericonicidad y a la interdiscursividad. El corpus de esa pesquisa consta de caricaturas sacadas de sitios de la internet de septiembre de 2014 hasta marzo de 2015. De ese modo, nuestra pesquisa es de cuño documental visto que elegimos un género discursivo como objeto de estudio tratándose de un material gráfico. Esta pesquisa se caracteriza además como siendo cualitativa, pues se propone a análisis e interpretación de los datos colectados. Delante de los análisis, percibimos que las caricaturas se constituyen como un género que puede ser estudiado y explotado de modos distintos, pues además de tratar de un texto humorístico agrada a los lectores con sus diversas contribuciones sean de alerta, risa o ironías, subsidiando aún otros entrecruzamiento de discursos para su comprensión. Notamos todavía que las caricaturas, comúnmente presentan una relación con discursos e imágenes ya existentes que hacen con que los sujetos accionen su memoria discursiva para su comprensión, visto que la producción de sentidos en ese género es construida a partir de lo no dicho, en lo que se ha por decir. Esperamos a través de esta pesquisa contribuir para que los lectores puedan percibir lo que está transcurrido en los discursos implícitos, contribuyendo así hacia la construcción de una mirada más crítica frente tales discursos que circulan socialmente.

Palabras-clave: Caricatura. Discursos. Intericonicidad. Interdiscursividad.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: CHARGE: LEITURA E PERSPECTIVAS DISCURSIVAS.....	15
1.1. O gênero charge	15
1.2. A leitura numa perspectiva discursiva	17
1.3. Leitura de imagens e intericonicidade	23
CAPÍTULO II: INTERICONICIDADE E INTERDISCURSIVIDADE: CARACTERES DO MUNDO VISUAL	27
2.1. A intericonicidade nas charges: imagens que retomam outras imagens.....	27
2.2. O discurso como reflexo de outros discursos nas charges.....	34
2.3. A importância do olhar atento para as imagens na construção de sentidos.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

Diariamente, os discursos postos em circulação nos meios midiáticos se constituem como detentores de um domínio, que ao se materializarem dialogam para a construção de múltiplos significados e produções de sentidos carregados de visões formadoras de opinião. Diante disso, percebemos que as imagens presentes nos gêneros discursivos propõem, na maioria das vezes, uma força maior de representação social da realidade, podendo nos fornecer um significado além do que diz o texto verbal. Portanto, a utilização da imagem pode servir tanto de complemento ao enunciado verbal, como também apresentar uma posição mais crítica na representação do seu lugar no discurso. Desse modo, alguns gêneros tornam possíveis aos sujeitos o acesso a uma pluralidade de informações e exige um olhar mais crítico.

Neste contexto, temos a charge, um gênero discursivo que tem como finalidade tornar os sujeitos mais conscientes da realidade que os circunda, convencendo-os e influenciando-os de acordo com o meio histórico e ideológico e com as múltiplas informações veiculadas. Há nesse gênero uma relação de discursos, a qual além de revelar-se em uma dimensão em que podemos descrever e interpretar, tem como propósito provocar o riso e o humor a partir da satirização ocorrida com instâncias sociais, comumente em discursos políticos, religiosos, entre outros. Por se tratar de um texto atraente ao leitor, a relação verbal/visual empregada nas charges revela-se num material de grande contribuição para a construção de sentidos, que são materializados nos processos de leitura, desempenhando um papel central para influenciar o leitor a perceber os desvendamentos de teor crítico e humorístico presentes no gênero.

A partir das imagens presentes nas charges compreendemos e construímos os nossos discursos reportando a outros para a construção de significados. Desse modo, percebemos que por circularem no meio social, as charges apresentam um jogo de vozes de forma dialógica, dinamizando o contexto de interação entre o discurso de outrem e o modo em que os mesmos aparecem. Diante disso, percebemos que os discursos presentes em tal gênero são construídos a partir de um já-dito, isto é, de outros dizeres que são propagados através de outros discursos já existentes, homogeneizados nas práticas sócio-discursivas. Sendo assim, pesquisar as contribuições das imagens nas charges se torna um recurso relevante para análise.

Nesse contexto, temos as seguintes questões de pesquisa: a) Como as imagens das charges influenciam na construção de sentidos dos discursos implícitos? e b) Como as relações entre imagens (e discursos verbais) podem contribuir na construção de um olhar

crítico dos discursos silenciados nas charges? Estes questionamentos advêm do impacto de como as charges são socializadas na imprensa em geral e de como podem ser analisados os discursos que existem a partir das mesmas, denunciando o estado comportamental e social, uma vez que a mídia, de certo modo, tem um poder de convencimento e chama a atenção dos sujeitos, conduzindo-os não só a observarem o texto verbal que ali está presente, mas que também olhem para o texto imagético e produzam a sua interpretação.

Com base nessas reflexões, surgiu o interesse de realizar uma análise das imagens das charges, cujo objetivo geral é investigar como a relação entre as imagens se manifesta nos discursos implícitos para a construção de sentidos das charges. Como objetivos específicos, pretendemos: a) Verificar os discursos implícitos do texto imagético presentes nas charges políticas; b) Analisar como as imagens presentes nas charges reportam a imagens já existentes; c) Observar o papel das imagens propagadas nas charges políticas para a produção de sentidos.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato da leitura das charges políticas promoverem o desenvolvimento de habilidades para a construção de sentidos a partir da junção do texto verbal com o texto imagético. Além disso, a compreensão do discurso imagético pode permitir observar não somente o que há perpassado no texto verbal, mas também considerar as relações de intericonicidade e interdiscursividade para a construção de um olhar mais atento e crítico quanto aos discursos silenciados e, ainda, perceber como essa imagem contribui para a produção de sentidos a partir do humor, já que uma das características das charges, além de provocar o riso, é criticar ou satirizar instâncias sociais.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, consideramos o referencial teórico da Análise do Discurso de linha francesa e suas implicações na construção de sentidos baseado em Silva et al. (2006), Pêcheux (2007), Fernandes (2007), Orlandi (2007 e 2008) e Aranha et al. (2009). Ainda buscamos respaldo teórico em Joly (1996) e Courtine (2006) na perspectiva dos estudos relacionados ao verbal e não-verbal para compreender questões relativas à intericonicidade. Quanto à metodologia utilizada, trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, pois

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 31).

Diante dessa afirmação, percebemos que a abordagem qualitativa não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, pois permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques. A pesquisa qualitativa não se preocupa em analisar dados numéricos, mas sim com o aprofundamento da descrição e da compreensão dos dados coletados, o que impõe também à nossa pesquisa o caráter descritivo-interpretativista. De acordo com o corpus, esta pesquisa é considerada de cunho documental, uma vez que trata-se da análise de um gênero discursivo caracterizado como um material gráfico.

Para constituição do corpus da nossa pesquisa, fizemos regularmente um levantamento de charges na internet para observarmos os fatos reportados e as condições de produção do gênero em questão. Nesta pesquisa, constam (07) charges selecionadas, através do *site Google*, no período de setembro de 2014 a março de 2015. A seleção das charges para a realização de nossa pesquisa teve como embasamento os discursos implícitos que perpassam o texto imagético e as vozes discursivas que estão presentes para a construção e produção de sentidos.

Para melhor organizarmos nosso trabalho, dividimos em dois capítulos. No primeiro capítulo intitulado: *Charge: Leitura e perspectivas discursivas*, são apresentadas algumas considerações relacionadas ao gênero charge. Ainda neste capítulo, elucidamos algumas considerações teóricas relacionadas à concepção de leitura numa perspectiva discursiva e reflexões acerca do discurso imagético e da intericonicidade. No segundo capítulo, *Intericonicidade e Interdiscursividade: caracteres do mundo visual*, apresentamos algumas considerações no que diz respeito à análise dos dados que correspondem a intericonicidade e a interdiscursividade presentes nas charges e enfatizamos a importância das imagens para a construção de sentidos. Por fim, apresentamos as Considerações Finais, expondo algumas constatações obtidas a partir da pesquisa.

Enfim, esperamos, através do diálogo estabelecido nos capítulos deste trabalho, fornecer alguns subsídios para que os sujeitos possam compreender os discursos perpassados através das imagens. Portanto, acreditamos que o nosso trabalho possa contribuir para uma perspectiva de leitura além da superficialidade, contribuindo assim como uma forma de desenvolver a criticidade dos sujeitos. Portanto, acreditamos que a nossa pesquisa, além de mais um suporte teórico, é uma forma que pode trazer uma contribuição para o ensino de leitura e fazer com que esta atividade seja trabalhada dentro de uma perspectiva discursiva.

CAPÍTULO I: CHARGE: LEITURA E PERSPECTIVAS DISCURSIVAS

Compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, é compreendê-lo enquanto objeto linguístico- histórico, é explicitar como ele realiza a discursividade que o constitui. (ORLANDI, 2007, p. 70).

A epígrafe citada acima enfatiza como podemos compreender um texto e como este produz sentidos diversos a partir do seu contexto sócio-histórico e enquanto gênero discursivo. Diante disso, apresentamos neste capítulo algumas considerações sobre o gênero charge e a perspectiva de leitura discursiva, assim como também reflexões acerca da leitura de imagens e da intericonicidade.

1.1 O gênero charge

Comumente, ao utilizarmos alguns meios de comunicação nos deparamos com algumas formas de críticas que circulam em jornais, revistas ou até mesmo na internet. Dentre essas, temos as charges que não se limitam a ironizar e criticar de modo humorístico, mas também apresentam uma posição quanto a um personagem ou fato representativo, principalmente quando se trata de fatos políticos. Portanto, segundo Pereira (2006, p. 105), “a charge apresenta um discurso crítico que visa levar o leitor a solidificar sua posição acerca de um determinado aspecto da realidade, principalmente, quando tem como alvo fatos políticos”. Dessa forma, percebemos que os sentidos atribuídos pelos leitores nas charges estão interligados e são proporcionados a partir de todo um contexto social. Assim, o leitor constrói os sentidos através das relações estabelecidas por meio da imagem que vê e da retomada do fato a que faz referência. Portanto,

As imagens travam um embate com a memória, fazem deslizar a tradição e instauram outros sentidos: nessa tensão dialética entre o dado e o novo os sentidos da mídia fulguram como um lampejo que só pode ser apanhado na transitória aparição do acontecimento discursivo. (GREGOLIN, 2008, p. 33)

A partir das afirmações da autora, percebemos que nos enunciados chargísticos, os sentidos se constituem no espaço entre o dito e o não-dito concomitantemente. As charges revelam que os sentidos ultrapassam o seu caráter humorístico, procurando desvendar valores ideológicos, culturais e modos de expressão de uma determinada época que estão ocultos entre o dizer e o não-dizer nos discursos.

O vocábulo *charge* (*charger*: carregar, exagerar) de origem francesa, etimologicamente, “denomina um texto no qual a realidade é (re) apresentada a partir de imagens e de palavras que sintetizam a observação atenta do seu produtor” (PEREIRA, 2006, p. 104). A charge é considerada como um tipo de cartum que apresenta como objetivo a “crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política” (RABAÇA; BARBOSA, 1978, p. 89). Sob esse prisma, as considerações apresentadas nos levam a compreender a charge como o texto verbal e não-verbal que critica um personagem ou fato/acontecimento específico, focalizada numa realidade tendo uma limitação temporal.

De acordo com Oliveira (2001), as charges no Brasil tiveram seu surgimento através da fusão da caricatura com a sátira, entre meados do final do século XVIII e início do século XIX. Inicialmente ganhou espaço nos jornais, e aos poucos foi tornando-se matéria. Hoje, está presente diariamente no meio social e aparece relacionada às outras sessões do próprio jornal. A partir desse olhar, a charge tem uma atribuição social, uma vez que “se constitui realidade inquestionável no universo da comunicação, dentro da qual não pretende apenas distrair, mas, ao contrário, alertar, denunciar, coibir e levar à reflexão” (AGOSTINHO, 1993, p. 229). As charges, atualmente, não se apresentam somente nos jornais, mas também em outros meios midiáticos e/ou veículos de comunicação e interação social.

Pereira (2006), tentando estabelecer uma distinção entre a charge e a caricatura diz que:

[...] a **caricatura** é uma representação pictórica ou não, que exagera jocosamente as peculiaridades ou defeitos de pessoas ou coisas; a **charge** vai mais além e não se limita apenas a ironizar, mas acrescenta ao cômico, criado pela deformação da imagem, um dado singular: a crítica. (PEREIRA, 2006, p. 104).

Ao enfatizar essa consideração, podemos afirmar que a caricatura vem interligada a outro texto, ou seja, geralmente acompanha reportagens fazendo parte da matéria. Já as charges existem independentes da caricatura e apresentam diversas possibilidades de compreensão e interpretação. Podemos ressaltar que as charges surgiram a partir da caricatura e possuem fins específicos de criticar ou ironizar fatos ou situações reais.

É por meio das imagens e do texto verbal que o chargista, tendo como marca característica o humor, busca sintetizar o sentimento coletivo que está perpassado nos fatos ou personagens representados. Diante disso, notamos que a construção dos sentidos das charges se dá a partir da interação entre a imagem e sua relação com o social, já que para que se interpretem as mensagens contidas nesse gênero é necessário que o leitor tenha conhecimento

do fato que as deu origem. Percebemos então, que é preciso que haja uma interação entre leitor e autor do texto, para que o conteúdo veiculado possa ser compreendido.

Nas charges estão representados fatos ocorridos num dado contexto econômico, cultural, social e numa determinada época, entretanto, para que as charges sejam entendidas dependem do conhecimento desses fatores sócio-histórico-culturais. Nesse sentido, “a charge reflete os fatos e possibilita a formulação de denúncias, levando em conta o contexto histórico-social em que eles acontecem” (PEREIRA, 2006, p. 114). Assim, a compreensão e a interpretação do leitor sobre as charges ocorrem através dos conhecimentos prévios que o mesmo possui, recuperando, assim, o contexto em que o texto foi produzido e percebendo a quem estão sendo direcionadas as críticas.

O gênero charge é articulado na sua composição pela integração das linguagens verbais e não-verbais, que se manifestam na produção de sentidos. Sendo assim, a imagem e a palavra quando entrelaçadas produzem o efeito de sentido desejado, na qual o discurso se reveste de ironia construindo um sentido de denúncia, insatisfação, convencimento, persuasão. Enfatizando isso, Lucena (2000, p. 45) acrescenta que “é no dito humorístico que se esconde o não-dito. E é neste silenciar que o sentido se constitui e se movimenta”. É nesse jogo silencioso de ditos e subentendidos que o sujeito também se constitui como autor, formando uma rede de sentidos a partir da presença ou ausência de cada enunciado com outros já proferidos. De acordo com a autora, os sentidos são construídos a partir dos conhecimentos que temos de outros discursos pré-existentes em outras condições de produção, daí podemos constatar que a charge não apresentará um discurso novo, uma vez que para que aconteça a sua compreensão se faz necessário remeter a outros discursos. Sendo assim, Pereira (2006, p.113) enfatiza que “os sentidos construídos nas charges são rastros de discursos já ditos em outras condições de produção e retomados em um novo contexto sócio-histórico-ideológico”.

Diante do exposto, após discorrermos sobre algumas considerações acerca do gênero charge, retomando a epígrafe da abertura do capítulo tentando “compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos”, apresentamos no tópico seguinte algumas considerações teóricas da concepção de leitura que embasa as discussões do nosso trabalho e da perspectiva discursiva da produção de sentidos.

1.2 A Leitura numa perspectiva discursiva

A leitura numa perspectiva discursiva surgiu a partir da Análise do Discurso de linha francesa, que através dos estudos de Michel Pêcheux condicionam para um novo modo de ler,

propiciando outra forma de compreender o texto. Esta teoria busca ir além do texto escrito, considerando fatores exteriores à língua, o que possibilita ler de acordo com o social, não apenas se prendendo a aspectos linguísticos, pois “o discurso não é a língua-(gem) em si, mas precisa dela para ter existência” (FERNANDES, 2005, p. 20).

Diante disso, percebemos que a AD parte da sistematização de pressupostos teóricos, cujas contribuições têm sido consideradas de suma importância para a análise dos textos ao considerar o discurso como objeto de estudo. A partir de então, o falante passa a ser considerado como sujeito, resultante de um processo histórico-social e influenciado ideologicamente pelo meio no qual está inserido. Essa teoria-metodológica parte do princípio de que a língua não pode ser desvinculada de suas condições de produção, mediante os processos que são construídos historicamente no meio social. Desse modo,

[...] no discurso constatamos o modo social de produção da linguagem, ou seja, o discurso é um objeto histórico-social, cuja especificidade está em sua materialidade, que é linguística, (...) na perspectiva da Análise do Discurso, toma-se a palavra e o ato social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidades. (ORLANDI, 2008, p. 17).

Os sujeitos, ao enunciarem os seus dizeres, consideram o discurso como um conjunto de vozes sociais, que se entrecruzam num processo contínuo. Portanto, pelo fato de os discursos serem ideológicos, eles são fluidos, permitem a expressão de ideias, cruzam sentidos. Desse modo, é na leitura sob o âmbito da Análise do Discurso (AD), que o sujeito quando atribui sentidos aos textos confere a possibilidade de tornar-se um ser crítico, refletindo e se posicionando quanto às condições de produção que levaram aquele texto circular em determinados meios sociais e não em outros. Conforme Orlandi (2008, p. 38),

[...] a leitura é o momento crítico da constituição do texto, o momento privilegiado do processo de interação verbal, é nele que se desencadeia o processo de significação. No momento em que se realiza o processo de leitura, se configura o espaço da discursividade em que se instaura um modo de significação específico. (ORLANDI, 2008, p. 38).

Sendo assim, a prática de leitura numa perspectiva discursiva passa a observar não só aquilo que está explícito no texto, pois “a AD enquanto prática de leitura passará a observar também o que está na falta, na falha, no furo, no silêncio, no que ficou por dizer” (ORLANDI, 2008, p. 13), observando também a relação que levou determinado texto a ser produzido naquela esfera social. A AD considera que o dizer tem relação com o não dizer, ou seja, com

o implícito, que pode ser pressuposto — aquilo que deriva propriamente da instância da linguagem — ou subentendido — aquilo que se dá por meio de um contexto. “Entre o dizer e o não-dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move” (ORLANDI, 2002, p. 83).

Diante disso,

A Análise do Discurso permite pensar a leitura (escrita) além da interpretação: o sujeito que interpreta, lê a partir de sua posição de sujeito, o sujeito crítico lê refletindo sobre sua posição de sujeito, sobre as condições de produção de sua leitura, por isso ele não interpreta apenas, ele compreende sem, no entanto, trabalhar sua determinação através da teoria [...] (ORLANDI, 2008, p. 14)

De acordo com a afirmação da autora, enfatizamos que considerando o discurso a partir da teoria da AD, este deve ser entendido como um processo de significações, pois é dotado de outros já proferidos e que pode produzir efeitos de sentidos relacionados ao meio social-histórico-ideológico em que o sujeito está inserido. Nesse sentido,

[...] a palavra discurso, etimologicamente, tem a ideia de curso, de percurso, de correr, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando [...] (ORLANDI, 1999, p. 15)

Desse modo, consideramos como discurso os enunciados proferidos numa determinada interação verbal, na qual os sujeitos são constituídos de acordo com as suas posições sociais e ideológicas. Para sistematizar essa reflexão, Fernandes (2005, p. 25) afirma que podemos entender como ideologia “o que marca as diferentes posições dos sujeitos, dos grupos sociais que ocupam territórios antagônicos, caracterizando tais embates, é a inscrição ideológica dos sujeitos em cena”. Assim, a ideologia é resultante de uma prática social e ao ser reconhecida como expressão das ideias dominantes de uma determinada época histórica, faz-se necessário analisar como um determinado discurso vai permear uma ação social que se apresente como um discurso ideológico.

Nesse contexto, percebemos que os discursos não surgem de um nada, mas partem de um pré-construído, algo que já está constituído na historicidade, em um determinado momento e lugar. Não há uma fonte de sentido, uma originalidade, mas uma reprodução de outros discursos que, através da memória discursiva, se modificam, desconstruindo e adquirindo novos sentidos. Assim sendo,

O sujeito não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos, de discursos em oposição que se negam e se contradizem. Ao considerarmos um sujeito discursivo, acerca de um mesmo tema, encontramos em sua voz diferentes vozes, oriundas de diferentes discursos. A presença dessas diferentes vozes integrantes da voz de um sujeito, na Análise do Discurso denomina-se de Polifonia. (FERNANDES, 2007, p. 36)

Portanto, concordando com Nery (2009, p. 16) podemos dizer que o sujeito discursivo não é o centro do seu dizer. É constituído na interação social com um conjunto de outras vozes manifestadas, ou seja, o sujeito é polifônico e constituído por uma diversidade de discursos. Essa perspectiva assevera a compreensão do sujeito como descentrado, considerando que sempre sob as suas palavras, outras palavras são ditas. Como afirma Orlandi (2007, p. 43), “todo discurso se delinea na relação com os outros dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”. Sendo assim, todo discurso é permeado de outros discursos já existentes, não existe um discurso novo, mas discursos acometidos de outros dizeres reformulados pelos sujeitos, resultantes de um já dito.

Nesse sentido, podemos afirmar que os discursos são heterogêneos tendo na presença de um “eu” o surgimento do “outro”. Dessa forma, percebemos que dialogismo, polifonia e heterogeneidade constituem categorias discursivas que propiciam reflexões visando à compreensão do sujeito discursivo. Como atesta Authier-Revuz (1998, p. 79) reside nessas reflexões “o caráter não somente complexo, mas forçosamente heterogêneo do campo em que se jogam o dizer e o sentido”. Quando nos referimos à produção de sentidos, dizemos que nos discursos os significados das palavras não são fixos, pois eles são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em comunicação. Portanto, uma mesma palavra pode apresentar diversas acepções, conforme o lugar sócio-ideológico daqueles que a empregam. Nesse contexto, consideramos que:

Não há enunciados que não suponha outros, não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e sucessão, um distribuição de funções e de papéis. Se se pode falar de um enunciado, é na medida em que uma frase (uma proposição) figura em um ponto definido, com uma posição determinada, em um jogo enunciativo que a extrapola. (FOUCAULT, 1986, p. 114).

Ao constatar que o sujeito dialoga com a realidade social, entendemos que as relações estabelecidas entre o eu e o outro nos processos discursivos são instaurados historicamente pelos sujeitos, sendo que esse outro compreende o mundo social no qual o

sujeito se insere. Para analisar o conceito de dialogismo apresentado por Bakhtin, é viável que se atente para o princípio da heterogeneidade, uma vez que os enunciados surgem a partir da relação com outros dizeres. A noção de dialogismo reflete o discurso como interação entre os sujeitos, que estendem-se aos discursos cotidianos integrando a existência de pessoas no mundo. Desse modo, o discurso se estabelece com a relação entre o signo, o mundo e o homem, considerando os efeitos de sentidos produzidos por um falante. O entrecruzamento de diferentes discursos denomina-se de interdiscursividade, em que

[...] os enunciados apreendidos em dada materialidade linguística explicitam que o discurso constitui-se da dispersão de acontecimentos e discursos outros historicamente marcados que se transformam e modificam-se. (FERNANDES, 2005, p. 49).

Diante das considerações do autor, percebemos que o interdiscurso caracteriza-se pela existência de um conjunto semelhante de enunciados que os descrevem pela possibilidade de explicitar como o mesmo objeto do discurso tem estratégias que derivam de um mesmo jogo de relações que se constituem no plano dos processos históricos de formação, transformação e reprodução dos enunciados. Nesse sentido, esse sistema de formação de enunciados determinaria o que pode e deve ser dito por um sujeito falante inserido num determinado lugar, num determinado espaço ou contexto situacional, caracterizando assim o que Foucault (1969) na obra *“Arqueologia do saber”* denominou de formação discursiva. O referido autor ressalta que a formação discursiva refere-se aos enunciados que vão dando corpo ao sujeito. Diante disso, Pêcheux (1990, p. 314), reportando-se a Foucault diz que:

A noção de formação discursiva (FD) começa a fazer explodir a noção de máquina discursiva estrutural fechada na medida em que o dispositivo da FD está em relação paradoxal com seu exterior: uma FD não é um espaço estruturalmente fechado, pois é constitutivamente ‘invadido por elementos que vêm do outro’ (isto é, de outras FDs) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais. (PÊCHEUX, 1990, p. 314)

Portanto, seguindo o pensamento foucaultiano retomado por Pêcheux, é a formação discursiva que determina o que pode ou não ser dito em uma dada época e meio social. Esta nunca é homogênea, pois todo discurso é resultante de um já dito. Concordando com as ideias de Nery (2011), para tratar de formação discursiva, é necessário que se atente para a interação entre as formações de discursos, pois uma formação discursiva tem dentro de si outras com as quais dialoga, quer seja para contradizê-la ou para associá-la a sua voz. A noção de formação

discursiva apresentada por Foucault é de suma importância para que o próprio Pêcheux, a partir dos anos 80, reveja a concepção de discurso e a noção de assujeitamento.

Falar em FD implica considerar o conceito de formação ideológica. A esse respeito, Pêcheux (1990, p.166) afirma que a formação ideológica é o “conjunto complexo de atividades e representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflito umas com as outras”. Nessa perspectiva,

Um discurso engloba a coletividade dos sujeitos que compartilham aspectos socioculturais e ideológicos, e mantém-se a outros discursos. Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção. (FERNANDES, 2005, p. 56).

A formação discursiva reflete a formação social que retoma a heterogeneidade e diferentes forças sociais. A ideia de heterogeneidade de FDs deriva da noção de contradição dos sentidos, sendo que toda formação discursiva é um espaço de múltiplas divergências, um conjunto de oposições cujos níveis e papéis devem ser descritos. Analisar tais contradições é definir a forma que assumem as relações que estabelecem entre si e o domínio que comandam. Sendo assim, um mesmo enunciado possui diferentes sentidos. Portanto, embora o sujeito tenha a ilusão da autonomia do seu posicionamento, ele submete as suas condições de produção. Diante disso, trabalhar com a Análise do Discurso implica num processo de investigação que parte do pressuposto de que a língua não pode ser desvinculada dessas condições, pois os processos que a constitui são histórico-sociais. Assim, analisar os discursos implica em pensar e descrever a maneira como se entrecruzam historicamente. Em outras palavras, na perspectiva da Análise de Discurso,

A leitura é uma forma de reducionismo linguístico procura observar o processo de produção do texto e da sua significação (...). Ou seja: considera-se que a leitura é produzida e se procura determinar o processo e as condições de sua produção. (ORLANDI, 2008, p.37-38).

Nesse paradigma, constatamos que a leitura é o momento crítico da constituição do sentido do texto, a ocasião privilegiada do processo de interação verbal, pois é mediante esse andamento que se desencadeia o processo de significação. Portanto, segundo a Análise de Discurso, a partir da leitura das diversas relações que permeiam o processo social de produção da linguagem, busca-se a percepção da multiplicidade de sentidos: “ler é saber que o sentido

pode ser outro” (ORLANDI, 2001, p. 12), porque não existe apenas um modo de leitura para os discursos, pois depende do contexto sócio-histórico em que foram produzidos e do olhar crítico dos sujeitos. Apresentamos no tópico a seguir algumas considerações teóricas no que diz respeito à leitura de imagens e a intericonicidade.

1.3 Leitura de Imagens e Intericonicidade

Do mesmo modo que os discursos verbais são retomados a partir de discursos já-ditos, a imagem também é refletida nesse percurso, pois atuam como operadores da memória, uma vez que sempre estão retomando temas abordados em uma extensão de lembranças momentâneas, modificando-os e reutilizando-os na memória discursiva, uma vez que “trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção” (FERNANDES, 2005, p. 61). Em suma, a memória discursiva diz respeito ao espaço de memória condizente como condição do funcionamento discursivo através dos sentidos entrecruzados pelo interlocutor. Ainda nesse contexto, Pêcheux (1999) destaca:

A imagem seria um operador de memória social, comportando no interior dela mesma um programa de leitura, um percurso escrito discursivamente em outro lugar: tocamos aqui o efeito de repetição e de reconhecimento que faz da imagem como que a recitação de um mito. (PÊCHEUX, 1999, p. 51)

De acordo com o autor, a imagem comporta em si outras imagens, portanto é preciso que o sujeito tenha uma memória visual, para que, no processo de leitura, os elementos visuais sejam compreendidos e haja a produção de sentidos. A imagem ainda pode ser utilizada como complementaridade do enunciado linguístico para apresentar – tornar presentes – as qualidades de um produto, mas também fazer o sujeito se posicionar em meio ao grupo social dos consumidores desse produto.

Desse modo, elaborar o conceito de memória imagética pode trazer contribuições importantes para a análise do funcionamento de memória discursiva na mídia. No entanto, “na sociedade atual, o consumo massivo de imagens exige uma resposta crítica, pois há toda uma questão política que envolve a apropriação/reapropriação de ícones”, aponta Belting (2006, *apud* GREGOLIN, 2008, p. 34). O ícone corresponde à classe de signos cujo significante mantém uma relação de analogia com o que representa, isto é, com o seu referente. Um desenho figurativo, uma fotografia, uma imagem que represente uma árvore ou uma casa, por exemplo, são representações imagéticas na medida em que retomam as qualidades formais de

seu referente: formas, cores, proporções, que permitem reconhecê-los. A imagem, portanto, é um signo icônico, ou seja, uma representação visual que mantém uma relação de analogia entre o significante e o referente.

A imagem, neste sentido, pode ser definida como um dispositivo pertencente a uma estratégia de comunicação, de modo que esse dispositivo é, por natureza, durável quanto ao tempo. Portanto, esse dispositivo “tem a capacidade, por exemplo, de regular o tempo e as modalidades de recepção da imagem em seu conjunto ou a emergência da significação” (DAVALLON, 1999, p. 30). Assim, a imagem operando de acordo com olhares, apresenta a capacidade de auxiliar a força da lembrança para a compreensão de muitos aspectos histórico-sociais, assemelhando-se ao que representa.

O texto não-verbal dialoga com o verbal e produz determinados efeitos de sentidos para o interlocutor. No entanto, as palavras não produzem sentidos isolados, mas são atreladas à diversidade de imagens, com a intenção de atender a um público que guarda suas peculiaridades. Nesse contexto,

A relação entre imagem e o seu contexto verbal é íntima e variada. A imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto esclarecer a imagem na forma de um comentário. Em ambos os casos, a imagem parece não ser suficiente sem o texto, fato que levou alguns semiotistas logocêntricos a questionarem a autonomia semiótica da imagem. (SANTAELLA e NÖTH, 2005, p. 53),

Tal argumentação ressalta a dependência da mensagem entre o texto imagético e o texto verbal e advém do fato da imagem ser modificada, particularizada pelo contexto situacional em que está inserida, cujo contexto é o da linguagem verbal (escrita) e aponta para uma realidade que abre caminho à construção de novos sentidos, pois “a imagem também cumpre sua função de sinalizar para o significado, os efeitos de sentido já demarcados” (CAMPINA, 2009, p. 75). Diante disso, compreender os efeitos de sentidos das imagens e do texto verbal são duas operações mentais complementares, mesmo que tenhamos a impressão de que são simultâneas. Muitas vezes, o leitor não se prende à busca de um sentido imanente no texto, mas concede a atribuição de sentidos que, numa perspectiva discursiva, “não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2008, p. 58), o que influencia, respectivamente, na materialização dos efeitos de sentidos.

Nesse sentido, Campina (2009, p. 76) observa que “fazer a leitura da imagem e da palavra, constituinte de um gênero textual (...) aponta para os efeitos de sentido, gerados por

estas posições ideológicas”. As diferentes formações discursivas indicam que o sujeito é ideologicamente heterogêneo, e conseqüentemente, mostram também que “um texto não funciona compactamente em relação à ideologia”. (ORLANDI, 2005, p.70) Desse modo, considerando a imagem como uma mensagem visual compreendida entre expressão e comunicação, leva-se em conta não somente a função dessa mensagem, mas também seu horizonte de expectativa e seus diversos contextos. Segundo Joly (1996, p. 47) a análise da imagem “pode desempenhar funções tão diferentes quanto dar prazer ao analista, aumentar seus conhecimentos, ensinar, permitir ler ou conceber com mais eficácia mensagens visuais”. Desse modo, quer queiramos ou não, as palavras e as imagens revezam-se, interagem, completam-se e esclarecem-se umas às outras. O texto verbal e visual estão interligados, servindo de complemento um para o outro.

Portanto, percebemos que a mensagem linguística é determinante na interpretação de uma imagem em seu conjunto, pois esta seria particularmente polissêmica, isto é, pode produzir muitas significações diferentes. Além disso, uma imagem pode reportar a imagens já existentes. A partir dessa concepção, Courtine (2008) deriva a noção de intericonicidade. De acordo com Milanez (2006, p. 168), elaborar essa noção traz aportes importantes, pois vivemos cercado de imagens e passamos a compreender o mundo por meio delas, mas somos nós mesmos que construímos e colocamos essas imagens para circular, sendo ao mesmo tempo o lugar de produção dessas imagens. Diante disso,

A noção de intericonicidade é uma noção complexa, porque ela supõe a relação de uma imagem externa, mas também interna. As imagens de impressão visual, armazenadas pelo indivíduo. Imagens que nos façam ressurgir outras imagens, mesmo que essas imagens sejam apenas vistas ou simplesmente imaginadas. (MILANEZ, 2009, p. 168)

Conforme o autor, a imagem, nesse aspecto, não pode ser compreendida fora da sua cultura visual, pois, de acordo com Courtine (2008), toda imagem tem seu eco, ou seja, reflete uma outra imagem. Isto faz nos inserirmos não somente em um discurso atravessado pelo interdiscurso, mas também por elementos que situam o sujeito como conhecedor de imagens já existentes. Portanto, esse posicionamento estabelece uma teoria discursiva para o texto verbal ou não verbal, abrindo vias e fundamentos para a construção da noção de intericonicidade e na constituição do campo de imagens. Milanez (2009) considera que o primeiro objetivo da intericonicidade é

[...] sublinhar o caráter discursivo da iconicidade, colocando as vistas claras que há um ‘sempre-já’ do discurso, ou seja, um arquivo de imagens constituído não somente pela memória de imagens externas que percebemos, mas também pela memória das imagens internas, internalizadas pela percepção exterior de uma dada imagem. (MILANEZ, 2009, p. 05).

A partir da afirmação do autor, percebemos que há sempre um arquivo de imagens internalizadas em nossa memória. Portanto, concordando com o pensamento de Milanez (2009) e retomado a noção de acontecimento discursivo apresentado por Foucault (2004), ao considerar a incorporação de imagens, temos que o novo não está na imagem em si, mas no acontecimento que produz. Desse modo, compreendemos que as imagens que incorporamos não são as mesmas, porque ao serem selecionadas, organizadas e redistribuídas, assumem uma significação pessoal, criando uma história singularizada. Analisar discursivamente as imagens é um campo que parece “novo” para qualquer área do conhecimento e um desafio que se faz presente ao analista em seu percurso para o reconhecimento e reconstrução dos sentidos, evocando a memória do passado, enunciando novos acontecimentos discursivos. Diante disso, analisamos no próximo capítulo os discursos implícitos nas charges e as relações entre as imagens.

CAPÍTULO II: INTERICONICIDADE E INTERDISCURSIVIDADE: CARACTERES DO MUNDO VISUAL

O campo da fala pública está atravessado, saturado por imagens nas quais percebemos, ao mesmo tempo, a força de seu impacto e a instantaneidade de sua obsolescência. É crucial compreender como elas significam como uma memória das imagens as atravessa e as organiza, ou seja, uma intericonicidade que lhes atribui sentidos reconhecidos e partilhados pelos sujeitos políticos que vivem na sociedade, no interior da cultura visual. (COURTINE, 2008, p. 17).

Mediante a apresentação da epígrafe acima, é perceptível a relação entre as imagens no meio social, da mesma maneira que o discurso é atravessado por outros discursos, situando o sujeito não só como produtor, mas como intérprete e, de certa forma, como suporte das imagens. Temos sob essa perspectiva um sujeito que ocupa um lugar no quadro sócio-histórico, primeiro na análise das imagens, depois como produtor das imagens que nos rodeiam. Diante disso, neste capítulo, apresentamos como categorias de nossa pesquisa: a) A intericonicidade nas charges: imagens que retomam outras imagens; b) O discurso como reflexo de outros discursos e c) A importância do olhar atento para as imagens na construção de sentidos. Buscamos, portanto, contribuir para que a leitura de imagens numa perspectiva discursiva conceda aos leitores um olhar crítico mediante os textos imagéticos que os rodeiam e circulam na sociedade, atentando assim não apenas para o que já está dito, mas para os discursos que estão perpassados nesse dizer.

2.1 A intericonicidade nas charges: imagens que retomam outras imagens

Nesta categoria, iremos apresentar a análise das charges observando como uma imagem mantém relações com outras imagens, atentando para o que está perpassado através da memória discursiva, permitindo aos sujeitos o retorno e o reagrupamento de enunciados. Nesse caso, consideramos a imagem como discurso numa relação com um discurso primeiro. É a partir dessa visão, que observamos as charges a seguir.

Vejamos a charge 01:



Charge 01

Disponível em: www.unaienses.blogspot.com

A charge acima foi publicada no dia 08 de abril de 2012, cenário em que os(as) candidatos(as) a presidência do Brasil já anunciavam os seus nomes para concorrerem ao cargo. Fazendo uma relação com o contexto de produção, percebemos que há uma crítica em relação às candidatas à presidência do Brasil. Na imagem, notamos a presença de sujeitos políticos – Dilma Rousseff x Marina Silva – que remetem ao conto de fadas “Branca de Neve”. Ao analisar a charge relacionando com a nossa memória discursiva, podemos detectar a presença de algumas características peculiares do conto como, por exemplo, o espelho mágico e o enunciado “Espelho, Espelho meu!”.

Há, no conto Branca de Neve, uma menina adolescente superando a madrasta má que, por ciúmes de sua beleza lhe nega independência para viver e sair para onde quiser e conhecer pessoas novas – o que é simbolicamente representado pela madrasta tentando destruir Branca de Neve. Na charge, podemos observar a atual presidente Dilma Rousseff na posição da madrasta má, de frente para o espelho, e pronunciando as mesmas palavras do conto, sendo estas adaptadas para o contexto político: “–Espelho, Espelho meu! Existe alguém mais candidata do que eu?”. Por outro lado, percebemos também Marina Silva por trás de uma parede a observar o que Dilma estava fazendo, como se ao mesmo tempo estivesse colocando que há sim alguém tão candidata quanto Dilma.

Diante da charge apresentada, constatamos que as imagens, de acordo com Milanez (2009, p.3), “pertencem a campos do discurso ao mesmo tempo arqueológicos e interdiscursivos, relevam modelos teóricos que compõem o quadro geral de uma análise (...)”. Sob essa perspectiva, fazer uma análise considerando um campo discursivo significa

considerar o enunciado naquilo que ele tem de regular com outros enunciados, fazendo emergir a singularidade das situações que ali se produzem. Para Belting (2004, p. 18), “uma imagem é mais que o produto de uma percepção. Ela aparece como o resultado de uma simbolização pessoal ou coletiva”. Nesse sentido, a noção que se tem da imagem apresentada na charge 01 está estritamente ligada à memória discursiva do sujeito, visto que tal imagem é uma representação de lembranças ou domínios visuais sócio-histórico-culturais. As imagens representam um enunciado que compreende toda a exterioridade que envolve o sujeito.

A relação apresentada além de intericônica, materializada pelo objeto espelho, é também interdiscursiva. Se no conto de fadas, a Branca de Neve é quem ofusca o brilho da madrasta, na relação apresentada, a Marina é a antagonista, ela se mostra, mas ao mesmo tempo se esconde, como no conto, pois é perseguida por sua oponente. No cenário político evidenciado, Dilma detinha os meios para perseguir, para manter o poder e para destruir a imagem de Marina. A presidenta se sente superior posicionando-se como uma rainha que possui autoridade e poder supremo até sobre as opiniões alheias, pois na charge considera-se como sendo a melhor candidata a governar o país. Enquanto Marina fica só de olho no que acontece e espera o momento certo para agir e contar vitória. A existência independente que é negada para Branca de Neve por sua madrasta má, a presidenta nega ao povo, não lhes dando o direito de ter sua própria autonomia para decidir o que é melhor para si, querendo ela ser autoritária e “dona do poder”.

Vale ressaltar que para a compreensão do sentido expresso pelo enunciado “Espelho, Espelho meu!” apresentado na charge é necessário que o leitor remeta a discursos pré-existentes, pois o regressar a este dizer faz com que o discurso seja compreendido em sua dimensão histórico-social, alertando as pessoas para que a partir de uma crítica a um fato atual da sociedade se conscientizem das situações que estão acontecendo no país, conforme também pode ser constatado na charge a seguir.

Vejamos a charge 02:



Charge 02

Disponível em: www.poruminstante.com.br.

Esta charge foi publicada no dia 23 de outubro de 2010. Ao analisarmos a construção e produção de sentidos na mídia, do ponto de vista da Análise do Discurso, nossa atenção volta-se para as práticas discursivas que criam o efeito de sentido em textos híbridos, com materialidade comportada pelas linguagens verbal e não-verbal. Observando esta imagem, podemos perceber que a mesma propõe uma relação com uma imagem já existente e nessa transfiguração cruzam-se sentidos da idade da pedra com a atualidade. A imagem do ex-presidente Lula com a atual governante Dilma dialoga com outro enunciado imagético em que a matriz do sentido da idade da pedra é o símbolo do carro feito de madeira empurrado pelos pés, por meio de corrida. Trata-se, portanto, de uma atualização de uma memória visual profundamente enraizada em nossa história, em nossa cultura.

Esses enunciados que retomam o carro feito de madeira e empurrado pelos pés, ou seja, as pessoas correndo, conservam dele determinados traços. Numa relação de intericonicidade, percebemos que ele foi transfigurado na figura de Lula e Dilma em relação ao PAC (Programa de Aceleração do Crescimento). Torna-se importante remeter a uma imagem já existente, uma vez que tal imagem já é comum para as pessoas, pois remete ao desenho animado “Os Flintstones”. Portanto, o que se constitui como novo na charge apresentada é justamente a sua enunciação, tem-se a mesma materialidade, mas o acontecimento é diferente. O discurso imagético articulado à Idade da Pedra causa efeitos diferentes, porque quando utilizado para expressar as artimanhas do desenho animado não produz o mesmo impacto do que remetendo ao PAC relacionado por Lula e Dilma, uma vez

que o crescimento do nosso país é assemelhado ao atraso, a lentidão, que também pode ser constatado ao movimento de um carro feito de madeira e empurrado pelos pés.

Diante da charge apresentada, percebemos que a atribuição de sentidos não é uma tarefa fácil, já que requer algo mais que apreensão da estrutura linguística. É necessário que seja analisado além do texto verbal ou das imagens. Em relação a esta questão, ressaltamos que:

O sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas “tiram” seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 2000, p. 42-43)

Mediante essa afirmação, podemos dizer que os sentidos são construídos socialmente, de modo que um mesmo discurso possui diferentes sentidos, pois os mesmos dependem da materialidade discursiva de acordo com quem enuncia e a posição que ocupa. Partindo dessa visão, compreende-se que “por meio de movimentos de intericonicidade, as imagens travam um embate com a memória, fazem deslizar a tradição e instauram outros sentidos” (GREGOLIN, 2008, p. 33).

Outro aspecto a se observar na charge em análise é o enunciado dito por Lula à presidenta Dilma Rousseff, “ACELERA DILMAAAA!”, e o pano que recobre o carro com função de teto que diz: “PAC”. O PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) foi criado por Lula em seu segundo mandato, no período entre 2007-2010, e buscava promover o planejamento e execução de obras no país. Na charge, o ex-presidente solicita a atual governante do país para que acelere tal programa e execute as obras planejadas.

Em “*Acelera Dilmaaaa!*”, percebemos que há uma apropriação de nome da presidente com o nome da personagem do desenho Vilma, então há o jogo com os nomes, mas há uma ênfase ao papel da mulher, não como condutora, mas como coadjuvante, ou seja, Dilma é presidenta, mas Lula está no controle, ele tem as rédeas, ou melhor, a direção do desenvolvimento do país. A expressão facial de Lula é de contentamento, enquanto a de Dilma é de perplexidade, já que é ele quem manda e desmanda. Dilma é dominada por Lula e se sente na obrigação de fazer tudo o que ele quer e manda, sem apresentar nenhuma reação contraditória aos pedidos de Lula, mesmo o povo percebendo sua aparência de insatisfação.

Percebemos ainda que a imagem de Lula correndo com Dilma remete as corridas que Fred Flintstone percorria com sua esposa Wilma Flintstone. Na charge, podemos ver ao lado

do campo de corrida de Dilma o Palácio do Planalto, como se lá fosse o ponto de chegada. Diante disso, notamos que a imagem é postulada como uma linguagem que se constitui no tecido da memória, seja ela coletiva, histórica ou social, a fim de pensar discursivamente as redes de imagens que constituem a cultura e o imaginário de uma sociedade. Portanto, é de grande relevância ressaltar na charge que o sujeito-autor busca manifestar sua crítica através do exagero de traços dos personagens, caracterizando-os até, quase que iguais aos personagens originais, produzindo assim o humor. Ao se utilizar desse recurso, busca-se convencer o outro daquilo que acredita, ou seja, de que a presidente Dilma Rousseff já não trabalha mais para executar grandes obras e nem desenvolver projetos.

A charge analisada constitui num rastro de discursos já ditos em outras condições de produção e retomados em um novo contexto sócio-histórico-ideológico. O sentido é construído por meio do movimento entre o que é dito e não-dito, veiculado através da ironia, da denúncia e da crítica. As denúncias e críticas aparecem de forma silenciosa, camuflada pelo humor, pela linguagem não-verbal, pela intericonicidade. Desse modo, o texto verbal dialoga com o texto não-verbal em forma de humor, ironizando o que se pretende dizer, mas para que isso aconteça recorre-se sempre ao campo da história e do social dos sujeitos, explicitando como cada enunciado ou dizer tem seu espaço em um lugar e em uma época específica, o que também pode ser percebido na charge a seguir.

Vejamos a charge 03:



Charge 03

Disponível em: www.portaldoprofessor.mec.gov.br.

A charge em análise foi produzida por Amâncio Natal e publicada no dia 25 de outubro de 2010. Podemos observar uma relação intericônica da imagem que as pessoas têm ao verem situações aterrorizantes de alguns políticos com a obra “*O Grito*”, de Edward Munch. Percebemos, portanto, que há uma crítica instaurada nessa imagem correlacionada com a obra, a qual as pessoas ficam indignadas ao verem o STF (Supremo Tribunal Federal) liberarem políticos ladrões e corruptos para governarem municípios, estados e até mesmo o país.

Para que sejam compreendidos os discursos em questão, é relevante nos remetermos a um discurso já dito anteriormente, ou seja, ao discurso referente à obra de Edward Munch, que corresponde ao desespero, a angústia, a dor presente em sua obra. Na charge, percebemos a presença desses aspectos de modo que as pessoas se sentem amedrontadas com a decisão do STF. O humor da charge se revela nesses aspectos característicos, pois há uma pessoa sentada em uma poltrona assistindo provavelmente a um jornal, no qual o jornalista dá a seguinte informação: “*STF libera candidatos com fichas sujas!*”. Ao ver esse enunciado, o sujeito fica assustado ao presenciar um poder judiciário liberar algo tão sujo e inadequado para governar ações da sociedade.

É, portanto, nesse cenário, que a partir da relação do sujeito com a exterioridade intercedida por suas práticas sociais, pode ser compreendido o processo de significação materializado no discurso. Entendemos também que não há como examinar a construção de sentidos sem que se remeta ao acontecimento histórico que há na memória discursiva, vista como um espaço passível de deslocamentos, de embates, de forma que do já-dito e do já-significado irrompam o “novo” no acontecimento discursivo. O sujeito apresentado trata-se de um ser que não compreende como leis poderosas podem deixar livres pessoas “sem escrúpulos”, sem comprometimento com a população e com a sociedade na qual vivem inseridos. Percebemos que o discurso implícito está inserido na imagem apresentada na televisão em que os sujeitos se sentem perplexos ao verem os políticos corruptos soltos obtendo a chance de estar à frente do governo novamente. Podemos considerar esse discurso bem presente em nossa sociedade, pois durante esse segundo mandato da presidenta Dilma, nós sujeitos ao ligarmos a televisão apresentamos essa mesma imagem de perplexidade, revolta e descaso com a população e com o país, porque mesmo que comprovado todo o “furto e roubo” feito, deploravelmente esses “bandidos” ficam soltos explorando a população por meio de impostos altíssimos para custear todos os seus gastos.

Na figura humana que vemos representada pelo ser existente na obra d’*O Grito*, observamos que esta se mostra em cores frias representando a angústia e a dor, sem cabelo

para demonstrar um estado de desfiguração de um ser em desgosto e desânimo. Os elementos descritos estão tortos, como se reproduzindo o grito dado, como se estivesse se entortando com o berro, algo que reproduza as ondas sonoras. A dor do grito está presente não só na personagem, mas também no fundo da imagem, pois é o que destaca que a vida de um sofredor não é como as outras pessoas a enxergam, é dolorosa também. Portanto, a imagem apresentada faz com que nós, enquanto sujeitos sociais, possamos, de certa forma, sentir a dor e o grito dado pelo personagem. A tristeza presente na charge em implicação com o que ocorre na obra torna possível dizer que esta não está presente especificamente nessas imagens, pois o mundo e a sociedade encontram-se também nesse hemisfério de inclinações, nesse fluxo de angústias.

Diante disso, é possível perceber que a imagem da charge está imortalizada em uma tristeza crucial, com um aparente descontentamento quanto à realidade absurda em que a sociedade vive tendo que se adaptar. É importante ainda realçar nesse gênero que a manifestação da opinião do sujeito se reflete através do exagero da letra nos termos “**STF**” e “**FICHAS SUJAS**”, em que os mesmos aparecem em negrito e em caixa alta. Nestes termos, são focalizados as críticas feitas aos sujeitos do poder judiciário e legislativo, por absolverem “ladrões” que não respeitam nem a si próprios. O “STF”, por se tratar de um órgão de grande competência, apresenta significância de grandiosidade poder para o bem, de força maior contra irregularidades, corrupções e roubos contra o poder público. Mas, o fato do STF ter liberado os fichas sujas para agir contra a sociedade acaba compactuando com as mesmas ações. Desse modo, o olhar do sujeito deve incidir sobre o espaço no qual certos acontecimentos discursivos se desenvolvem possibilitando descrever no seu interior e na sua exterioridade os jogos de relação dos quais fazem parte.

Ao observarmos a charge em análise é importante destacar que as imagens que incorporamos não são as mesmas, porque ao serem selecionadas, organizadas e redistribuídas, assumem uma outra significação. Nesse sentido, a intericonicidade supõe as relações das imagens exteriores ao sujeito e também leva em consideração a memória do sujeito, pois da mesma maneira em que essa noção serve para colocar as imagens umas em relação com as outras, serve para mostrar-nos que o discurso é atravessado pelo interdiscurso, aspecto analisado na categoria a seguir.

2.2 O discurso como reflexo de outros discursos

De acordo com Nery (2011), o discurso é entendido como prática social, constituindo-se não como novo, mas algo que retoma outros dizeres. Com isso, perpassado

num discurso, outras vezes se manifestam. Diante disso, consideramos nesta categoria as relações que existem entre os discursos apresentados nas charges, conforme notamos a seguir:



Charge 04

Disponível em: www.luizberto.com.br.

Esta charge foi produzida por Iotti e publicada no dia 21 de abril de 2009. Podemos perceber a presença de discursos implícitos relacionados aos sujeitos políticos que enunciam uma crítica da sociedade em relação aos impostos pagos pela população brasileira, fazendo-nos lembrar dos escândalos envolvendo prostitutas pagas com o dinheiro das verbas de gabinete. Ligando este acontecimento ao trecho da música apresentada na charge podemos considerar que a festa dos políticos é movida a muita orgia sexual. Podemos notar, no entanto, que os políticos fazem a “festa” com o dinheiro público, que é pago pela população em impostos altíssimos.

Para compreender os discursos que envolvem o gênero em questão, é necessário que retomemos outro discurso: o da música “Festa no apê”, do cantor Latino, que retrata uma festa com direito a esbanjar tudo o que se queira, com a presença de muitas mulheres, bebidas e muita orgia. Sem esse conhecimento prévio da música, torna-se difícil a compreensão da charge. Desse modo, a crítica que está sendo apresentada é que os políticos gastam o dinheiro do povo em “festinhas” particulares, e para que então seja compreendida é preciso fazer um intermédio entre linguagem verbal e visual.

Em relação a essa questão, é importante ressaltar que:

A charge pode ser definida como um texto visual, isso porque grande parte do sentido (quando não todo sentido) se efetua por intermédio do desenho (da imagem produzida). Enfim, a produção do sentido nesse tipo de gênero possui uma relação direta com exterior, isto é, com a realidade, e está amplamente ancorada no todo da imagem apresentada. O desenho, além de ser uma manifestação de arte, é também uma unidade portadora de sentido, sentido este que o locutor prefere revelar por meio do humor. (SOUZA e MACHADO, 2005, p. 61)

Perante esta afirmação, constatamos que para compreender os discursos presentes nas charges é preciso olhar não apenas para o que está materializado linguisticamente, mas principalmente os discursos implícitos, ou seja, quais fatores que influenciaram na sua constituição e quais as condições de produção existentes.

Portanto, o discurso apresentado na charge 04 não é novo, uma vez que a imagem de que os políticos se utilizam do dinheiro público já é bastante visível na nossa sociedade, o que acaba tornando-se de grande importância nos remeter a um discurso já existente. Desse modo, o humor é construído na charge em decorrência do enunciado “... e nós pagando!”, pronunciado por um cidadão comum que está observando os governantes no Palácio do Planalto esbanjando gastos com o dinheiro do povo. Este cidadão deveria estar desfrutando de uma educação de qualidade, saúde e segurança. No entanto, acaba vendo o seu dinheiro sendo gasto nas farras dos políticos.

O trecho da música do cantor Latino “*Hoje é festa lá no meu apê/ vai rolar bunda lelê (funcional)*” também reflete no humor crítico, em que os políticos em festa no seu “palácio” não estão preocupados com os modos de sobrevivência da humanidade, pois muitos deles só buscam saber quem são os seus eleitores no período de eleição e ao passar esse período os mesmos nem lembram do sofrimento, nem das reivindicações feitas pelo povo, o termo “funcional” refere-se a memória coletiva e individual dos sujeitos, mas, neste caso, acena em um discurso coletivo de que os políticos esbanjaram tudo o que queriam na festa deles no Palácio, pois tiveram direito a mulheres prostitutas, bebidas e sexo.

Refletindo nessa perspectiva, o conjunto de discursos no acontecimento discursivo e através da história sofre transformações possibilitando a incursão de outros discursos, equivalendo-se de uma memória discursiva dos enunciados, esta concebida como o efeito de uma atualidade sobre o acontecimento discursivo. Diante dessa questão, concebemos o discurso humorístico da charge perpassado por um interdiscurso, como uma forma peculiar de re-significação, uma vez que retoma saberes já ditos, depositados na memória coletiva pelos diversos meios de comunicação.

É importante ainda destacar nesse gênero que o sujeito-autor busca manifestar sua opinião através do exagero do tamanho da letra maior, relacionada à festa dos políticos, e pequena, quando ligada ao enunciado do homem ao reclamar sobre os seus direitos, o que produz o humor e a crítica. Portanto, percebemos o quão é importante atentar para essa relação existente entre o discurso que é apresentado e discursos pré-existentes para que a charge seja compreendida.

Vejamos a charge 05:

SELFIE



Charge 05

Disponível em: www.noticias.uol.com.br.

A charge acima foi produzida por Casso e publicada em 02 de janeiro de 2015. Podemos observar que essa imagem apresenta a presidenta Dilma Rousseff tirando uma selfie com um dragão, que demonstra estar contente, pois o mesmo é conhecido como “o símbolo da inflação”, obtendo muitos lucros à custa do povo com o aumento de impostos tributários. Ao nos colocarmos diante dessa imagem, testemunhamos uma relação marcada pelas recorrências do que acreditamos serem as nossas próprias memórias. Em seguida, na tentativa de reconstituir esse fato, nos colocamos diante do outro, lugar determinado sócio-historicamente, que irremediavelmente nos é constitutivo.

A *selfie* significa um autorretrato (aplicativo tecnológico de celular) que tem como recurso tirar fotografias das pessoas a fim de marcar momentos importantes. Na charge em análise, a palavra SELFIE, em caixa alta, no canto superior esquerdo só formaliza que a presidenta participa ativamente desse exagero do aumento de impostos, deixando os cidadãos quase que na ruína, sem terem do que sobreviver, já que todo o salário é gasto com o pagamento de contas absurdas. Ainda podemos ver no fundo da imagem, a sombra de pessoas

para as quais a presidenta dá as costas. Essa sombra é representação da própria sociedade, que, na maioria das vezes, é ignorada e não tem voz perante os atos cometidos pelo governo.

O discurso apresentado na charge é permeado por uma crítica que os sujeitos fazem quanto à taxa de inflação inadmissível do governo Dilma, pelo aumento constante e absurdo de preços. Nesse contexto, podemos presenciar o conjunto de relações explícitas ou implícitas que o discurso mantém com outros discursos. As relações implícitas podem ser percebidas no momento da selfie da presidenta Dilma Rousseff com o dragão da inflação, pois como sabemos, uma selfie só pode ser tirada com apenas uma pessoa, com um grupo de amigos ou mesmo com celebridades, o que não é visto na imagem já que o dragão não se diz amigo de ninguém, mas sim, inimigo. Ao perceber a interdiscursividade nas charges, o leitor busca compreender a intenção do autor de modo que nessa interação haja uma espécie de cumplicidade entre ambos. A imagem e a palavra apresentada na charge produzem o efeito de sentido desejado: criticar a situação trabalhista no país, o peso do desemprego para o trabalhador brasileiro e o “peso” da tecnologia robótica quanto à exposição da presidenta Dilma com o dragão da inflação.

Diante disso, percebemos que a transmissão da informação política atualmente dominada pelas mídias se apresenta como um fenômeno total de representação extremamente complexa, na qual os discursos estão imbricados em práticas não-verbais, constituindo na imagem o lugar da produção de sentidos, aspecto melhor analisado a seguir.

2.3 A importância do olhar atento para as imagens na construção de sentidos

Considerar a imagem como uma mensagem visual composta por diversos tipos de signos equivale a considerá-la como uma linguagem e como uma ferramenta de produção de sentidos. É possível admitir que uma imagem sempre constitua uma mensagem para o outro, mesmo quando esse outro somos nós mesmos. A partir de uma imagem fazem ressurgir outras imagens, sejam elas vistas ou apenas imaginadas.

[...] a concepção de imagem da qual compartilho está estreitamente ligada à ideia de sujeito, visto que imagens são como representações de lembranças ou domínios visuais. (MILANEZ, 2009, p. 06).

Consideramos, portanto, uma noção de imagem que se fundamente em duas faces, a das imagens interiores e exteriores, que coloca em evidência o tratamento do ser humano e não mais da imagem em si. Belting (2004, p. 18), considera que “uma imagem é mais que o produto de uma percepção. Ela aparece como o resultado de uma simbolização pessoal ou

coletiva.”. Somos, portanto, uma mídia viva que traz em si uma memória de um arquivo visual, isto é, um suporte de imagens que se inscrevem em nossas percepções, modificando-as e produzindo novos acontecimentos discursivos. Diante dessa concepção, observemos a charge abaixo:



Charge 06

Disponível em: www.chargeonline.com.br.

A charge apresentada foi produzida por Álvaro Coelho e publicada no dia 20 de março de 2015. Podemos perceber que a charge reflete a imagem da presidenta Dilma como se estivesse montada num animal, este materializado na imagem de uma panela de pressão. A presidenta se mostra com todo fervor, segurando com a mão direita num cordão como se fossem as rédeas para diminuir a pressão que está a ponto de explodir.

Na charge apresentada, notamos a influência de uma imagem retomada na construção do sentido, pois remetendo a um discurso já dito a partir da imagem vista da presidenta montada numa panela de pressão segurando com uma mão um cordão e a outra levantada, podemos atribuir um sentido de que Dilma aparenta estar num rodeio montada em um boi bravo ou em um cavalo, expondo a sua coragem perante as pessoas que a veem e o país que lhe é posto para administrar. O fogo que é visto fornece intensidade à panela, para que não pare e nem esfrie, mantendo a presidente sob pressão a todo momento.

Para que a charge seja então compreendida, exige-se o conhecimento prévio do fato que a inspirou, ou seja, é necessário que o sujeito ative a sua memória, representando assim um fato legitimado por uma determinada formação discursiva, caracterizando-se como pré-construído. Podemos constatar que a imagem apresentada na charge pode ter o seu sentido construído a partir de outros discursos e produz efeitos de sentido que determinam diferentes

formas de interpretação. Diante dessa consideração, Souza (2001, *apud* GOMES, 2012, p. 62) ressalta que “a compreensão dos modos de significação da imagem está na dependência de como ela se constitui em discurso, objetivando a sustentação dos discursos produzidos em textos verbais”.

Na charge analisada, percebemos que a imagem mesmo sem um enunciado verbal conduz os sujeitos a construir sentido, pois ao ver uma peneira com um cordão apresentando um aspecto de rédeas, logo nos vem à cabeça a imagem de um animal e quando associada com uma pessoa montada nele, esta já sintetiza a realização de um rodeio. Ainda percebemos que os olhos arregalados da presidenta corroboram com a ideia de que a explosão é insustentável. Portanto, notamos que o enfoque da charge é criticar a presidenta, que está a ponto de explodir, já que se mostra com várias pendências judiciais e criminais relacionados ao seu governo. Assim, precisamos atentar e observarmos de modo mais sistemático a imagem apresentada e também termos um conhecimento de mundo para compreender o que nos é apresentado, o que também é ressaltado na charge a seguir.

Vejamos a charge 07:



Charge 07

Disponível em: www.facebook.com.br

A charge acima foi publicada por Mateus Simões de Almeida no dia 10 de abril de 2015. Nesta charge, percebemos num primeiro instante que a mesma representa uma situação corriqueira, em que a nossa sociedade se vê diante de animais repugnantes, pois o discurso imagético apresentado não destaca nada de novo, pois, é perceptível que a imagem que se tem de um político já é bastante comum entre nós, ou seja, a de ratos roedores.

O humor presente na charge encontra-se no discurso dos ratos quando eles pedem “*socorro*” e os mesmos indagam sobre “*quem jogou esses políticos aqui?!*”, correndo desesperados em direção contrária à dos políticos. Ao analisarmos a imagem, percebemos que os ratos, por mais que sejam animais “nojentos” e vivam em esgotos, consideram os políticos como “lixos” e não aceitam a presença dos mesmos juntos a eles num mesmo espaço. Os ratos se mostram assustados e correndo com medo de serem “infectados” pelas barbaridades dos sujeitos políticos. Na imagem, pode ser considerado que nós somos esses sujeitos ratos correndo contra esses políticos, que nos deixam inconformados a cada dia que passa por todas as maldades cometidas contra nós sujeitos trabalhadores e sofredores. Somos inconformados porque esperamos que os sujeitos políticos lutem à nosso favor dando-nos condições de uma educação e saúde de qualidade.

Notamos na charge em análise que os ratos apresentam caráter de animais, de seres do lixo, mas são também animais com consciência de que os políticos são corruptos e assumem um poder público. O contexto sócio-histórico em que estes sujeitos (ratos) estão integrados faz com que possamos observar que, mesmo sendo animais, possuem concepções do que acontece no cenário político e que conhecendo o caráter que estes (políticos) possuem não aceitam dividir seu espaço de convivência com eles, já que se mostram serem piores roedores e ladrões das coisas dos outros.

Os políticos, por sua vez, em suas posições no poder, se sentem a vontade sem estabelecer nenhuma relação contrária por estarem juntos a algo que, metaforicamente os representam e caracterizam. Nesse sentido, consideramos que os políticos são como ratos, animais asquerosos e nojentos. Em decorrência disso, o leitor não busca um sentido imanente, posto no texto, mas atribui que, numa perspectiva discursiva, o sentido “não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2008, p. 58), gerenciando na materialização dos efeitos de sentido.

Outro aspecto interessante a se observar é o discurso imagético dos políticos, que demonstram muita calma e tranquilidade diante de tal posicionamento dos ratos, pois os mesmos não se posicionam em momento algum com nenhum movimento brusco de atraí-los para perto de si, apenas se mantêm em seus lugares, sem se manifestarem. Perpassado nesse discurso aparentemente sem rejeições, temos o propósito de ter um futuro com pessoas dignas assumindo o país com compromisso.

A ironia presente na charge se concentra na oposição dos seres que estão sendo representados, pois se de um lado temos um animal que repercute contra a proximidade dos

políticos vendo estes como sujeitos repugnantes, de outro temos, o animal como um ser consciente de todas as roubaheiras e do caráter negativo que os políticos possuem. Esse fato aponta para os efeitos de sentido que não estão associados simplesmente à imagem e às palavras, mas é resultante do aparecimento do significante em dadas condições, associando-se a isso o sujeito-leitor social determinado.

Diante das charges apresentadas no decorrer das análises, percebemos que há uma relação entre as imagens (intericonicidade) e entre discursos (interdiscursividade), que apresentam um teor satírico, provocando efeitos de sentidos sobre o cenário político brasileiro na atualidade e denunciando, ainda que por meio do humor, os descasos com a sociedade e os escândalos de corrupção. Desse modo, constatamos que observar os discursos e as imagens presentes nas charges e como a relação intericônica e interdiscursiva produz sentidos constitui numa forma de alertar a própria sociedade para os desmandos que ocorrem na política do nosso país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as questões da nossa pesquisa: a) Como as imagens das charges influenciam na construção de sentidos dos discursos implícitos? e b) Como as relações entre imagens (e discursos verbais) podem contribuir na construção de um olhar crítico dos discursos silenciados nas charges?, percebemos que os discursos das charges políticas quando compreendidos adequadamente podem funcionar como um excelente meio para que os sujeitos os utilizem como uma forma de reflexão sobre os fatos que acontecem no cotidiano e se tornem mais conscientes da sua realidade. Além disso, as charges apresentam aos leitores uma forma de observarem os discursos que estão presentes de modo implícito, visto que a produção de sentidos nesse gênero é construída no que não está dito, mas no que ficou por dizer.

Observamos também que formações discursivas representadas nesse gênero apresentam uma diversidade de vozes, que influenciam no processo de produção de sentidos. Podemos ainda perceber que a compreensão dos discursos veiculados nas charges é produzida a partir da interação e familiaridade com o gênero em questão. Além disso, os discursos presentes nas imagens são representados por meio de discursos já ditos e fazem com que nos posicionemos criticamente acerca do que é apresentado, contribuindo para que a leitura de imagens conceda aos leitores um olhar crítico mediante os discursos que os rodeiam e circulam na sociedade, atentando assim não apenas para o que já está dito, mas para os discursos que estão perpassados nesse já dito.

Outro fato presenciado na pesquisa é que as charges além de promoverem nos leitores um olhar crítico acentuado, permitem que os interlocutores observem o humor proporcionado pelos discursos irônicos, que revelam a crítica de alguns preceitos no meio político, religioso, pedagógico. Desse modo, para que tal gênero possa ser compreendido é necessário que os leitores estejam informados sobre as questões sociais que os rodeiam, pois por se tratar de um gênero discursivo temporal, é importante que os sujeitos ali apresentados sejam considerados conforme seu contexto sócio-histórico-ideológico e cultural.

É notável em nossa pesquisa que as charges possibilitam múltiplos modos de serem estudadas e exploradas, pois além de se tratar de um gênero humorístico agrada aos leitores com suas diversas contribuições sejam de alerta, riso ou ironias, subsidiando ainda outros entrecruzamentos de discursos para compreensão. Consideramos também que o humor

presente nas charges, muitas vezes, nos discursos implícitos, proporciona ao leitor uma forma de conduzir seu pensamento crítico mediante os acontecimentos sociais, avaliando que o sujeito do discurso não tem o direito de dizer tudo, em qualquer circunstância para qualquer indivíduo, uma vez que seus dizeres são interditados.

Percebemos também que o texto verbal orienta o leitor pelas marcas dos significados da imagem ao mesmo tempo em que conduz esse mesmo leitor ao significado, aos efeitos de sentido, permitidos, desejados em detrimento de outros que possam suscitar, pois os discursos implícitos apresentados nas imagens a respeito dos sujeitos políticos aparecem de modo negativo, de modo que tais discursos apontam para uma descrição de um político como sendo ruim. Em síntese, a relevância de se olhar para a relação entre imagem e palavra recaem na necessidade da análise a que nos propusemos fazer, haja vista que a charge traz como marcas pontuais de produção de sentidos a linguagem verbal e visual, produção esta, que é uma consequência do aparecimento do significante em dadas condições, associando-se a isso o sujeito-leitor social já historicamente determinado. Diante disso, na tentativa de elucidar um caminho possível para a compreensão das imagens nas charges enquanto discurso sob a perspectiva da intericonicidade, notamos que uma imagem sempre subsistirá outra imagem, conservando de certa maneira seus traços, mas apagando outros, de forma a produzir um novo discurso.

Enfim, mediante o exposto, configura-se a necessidade de compreender as potencialidades linguístico-discursivas que permeiam o gênero charge e os discursos que circulam socialmente e que trazem a capacidade de produzir sentidos múltiplos, resultantes das condições sócio-histórico-culturais. Portanto, o nosso trabalho se apresenta como uma proposta de leitura, que contempla a produção de sentidos, que pode contribuir para uma prática didático-pedagógica com um desempenho mais efetivo desta habilidade.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre et. al. **Papel da Memória**. 2ª ed. Campinas SP: Pontes Editores, 2007.

AGOSTINHO, Aucione Torres. **A charge**. São Paulo: Pontes, 1993.

ALMEIDA, Mateus Simões de. **Charges**. Disponível em: www.facebook.com.br. Acesso em: 11/04/2015.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras Incertas – as não coincidências do dizer**. Tradução: ORLANDI, Eni Pulcinelli. Campinas: EDUNICAMP, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1992.

BELTING, Hans. **Pour une anthropologie des images**. Paris: Gallimard, 2004.

_____. Image, Medium, Body: A New Approach to Ecology. Ghrebh. **Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**, nº 08. São Paulo: PUC-SP, junho 2006.

CAMPINA, Teresa Neuma de Farias. A palavra e a imagem na publicidade: uma leitura das neologias lexicais. In: ARANHA, Simone Dália de Gusmão et. al (orgs.). **Gêneros e Linguagens: diálogos abertos**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

CASSO. **Charges UOL**. Disponível em: www.noticias.uol.com.br. Acesso em: 19/02/2015.

COELHO, Álvaro. **Charges**. Disponível em: www.chargeonline.com.br. Acesso em: 26/03/2015.

CÓRDOVA, Fernanda Peixoto; SILVEIRA, Denise Tolfó. A Pesquisa Científica. In: GERHARDI, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfó (orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. Apresentação. In: CORBAIN, A.; COURTINE, J. -J.; VIGARELLO, G. **História do Corpo**. As mutações do olhar: século XX. Petrópolis: Vozes, 2008a.

_____. **Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública**. Tradução: MILANEZ, Milton; PIOVENAZI FILHO, Carlos. São Carlos: Clara Luz, 2006.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas- SP: Pontes, 1999.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. 2ª ed. São Carlos: Clara Luz, 2007.

_____. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2000b.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: L. F. Baeta Neves, Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, 1986 e 1969.

GOMES, Emília Maria Ferreira. A construção do humor e a representação do feminino na mídia impressa. In: ARANHA, Simone Dália de Gusmão et. al. (orgs). **Os sentidos (des) velados pela linguagem**. João Pessoa: Ideia, 2012, p. 49-71.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. J. J. Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: Novos objetos, Novos Olhares. In: SARGENTINI, Vanice e GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Análise do discurso: herança, métodos e objetos**. São Carlos: Editora Clara Luz, 2008, p.21-35.

IOTTI. **Charges**. Disponível em: www.luizberto.com.br. Acesso em: 16/09/2014.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Campinas, SP: Papirus Editora, 1996.

LINHARES, Reial. **Charges**. Disponível em: www.poruminstante.com.br. Acesso em: 12/11/2014.

LUCENA, Ivone. O processo discursivo da charge/humor. In: **Conceitos: Revista da ADUFPB**. João Pessoa: UFPB, 2000, P.43-48.

MILANEZ, Nilton. A possessão da subjetividade. In: SANTOS, João Bosco Cabral dos (org.) **Sujeito e subjetividades: discursividades contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____. O corpo é um arquipélago. Memória, intericonicidade, identidade. In: NAVARRO, P. **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Carlos: Claraluz, 2006.

NATAL, Amâncio. **Charges**. Disponível em: www.portaldoprofessor.mec.gov.br. Acesso em: 12/11/2014.

NERY, Luciana Fernandes. **A situação é que faz o leitor: uma análise das relações entre os sujeitos de ensino da EJA na leitura de charges**. Dissertação de Mestrado. Campina Grande: UFCG, 2011.

_____. **O sujeito e a identidade: uma análise dos discursos presentes nas charges**. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa), Campina Grande: UEPB, 2009.

OLIVEIRA, L.S. de O. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J. C. (org.) **Letras & Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 265-275.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 7.ed. São Paulo: Pontes, 2007.

_____. **Discurso e texto:** formulação e circulação dos sentidos. 2.ed. Campinas SP: Pontes, 2005.

_____. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. (1983). “Role de la Mémoire”. In: Histoire et Linguistique. Tradução: NUNES, José Horta. **O Papel da Memória.** Campinas: Ed. Pontes, 2007.

_____. **Análise Automática do Discurso.** Campinas: EDUNICAMP, 1990.

PEREIRA, Tânia Maria Augusto. O discurso das charges: um campo fértil de intertextualidade. In: SILVA, Antônio de Pádua et.al (orgs.). **Ensino de Língua:** do impresso ao virtual. Campina Grande: EDUEPB, 2006, p. 101-117.

POSSER, Jisoh de G. **Rapidinhas.** Disponível em: www.unaienses.com.br. Acesso em: 27/01/2015.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação.** Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

SANTAELLA, L. e NÖTH, W. **A imagem:** cognição, semiótica, mídia. 4ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SOUZA, M.I.P. de Oliveira e MACHADO, Rosimere Baltazar. O verbal e o não verbal na produção de efeitos de sentidos no gênero charge. In: CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes e NASCIMENTO, Elvira Lopes (org.). **Gêneros Textuais:** teoria e prática II. Palmas e União da Vitória, PR: Kayangue, 2005, p.59-71.

SOUZA, T. C. C. A Análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. In: **Rua**, nº 07. Campinas, SP, 2001.